

A situação sociolinguística de Maquela do Zombo (Angola): perspectivas e desafios para o ensino de português em contexto triglossico

Eduardo David Ndombele*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-5832-6391>

Evangelina Bonifácio**

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0001-5556-3984>

Resumo: O presente artigo faz uma abordagem sobre a situação sociolinguística do Município de Maquela do Zombo situado no norte da Província do Uíge em Angola e pretender avaliar as dificuldades que os alunos, desta geografia, apresentam na aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que as crianças desta região entram na escola com práticas discursivas de kikongo. A nossa inquietação centra-se, principalmente, no facto de o português ser o instrumento linguístico utilizado na aquisição de conhecimentos, a língua em que a maioria das matérias e dos meios de ensino se encontram codificados. Ora, o domínio e compreensão dessa língua em contexto escolar é ainda uma luta em curso e uma batalha por ganhar por parte de muitos alunos. A abordagem metodológica assenta nos pressupostos de pesquisa bibliográfica porque se baseia na leitura e discussão de diversos contributos teóricos. Como resultado de pesquisa verificou-se que o fenómeno de contacto linguístico, em Maquela do Zombo, nomeadamente do kikongo, lingala e português provocou uma convivência harmoniosa, contudo percebeu-se que decorre daí uma hierarquização entre as línguas, sendo que o algumas são mais prestigiadas na comunidade.

Palavras- chaves: Sociolinguística; Maquela do Zombo; Ensino de português; Triglossico.

La situation sociolinguistique de Maquela do Zombo (Angola): perspectives et défis pour l'enseignement du portugais dans un contexte triglossique

Résumé: Le présent article aborde la situation sociolinguistique de la municipalité de Maquela do Zombo située au nord de la province d'Uíge en Angola, l'étude révèle les difficultés que les apprenants de cette zone présentent dans l'apprentissage de la langue portugaise, puisque les enfants de cette région entrent à l'école avec des pratiques discursives de Kikongo. Notre préoccupation dans cet article porte principalement sur le fait que le portugais est un instrument linguistique utilisé dans l'acquisition des connaissances, la langue dans laquelle la plupart des matières et des moyens d'enseignement sont codifiés. Cependant, nous nous rendons compte que la maîtrise et la compréhension de cette langue dans un contexte scolaire est encore une lutte permanente et une bataille à gagner pour de nombreux élèves. L'étude part de l'hypothèse suivante : Il existe une différence significative dans la valeur utilitaire du portugais, du kikongo et du lingala à Maquela do Zombo. on a constaté que le phénomène de contact linguistique à Maquela do Zombo, à savoir le kikongo, le lingala et le portugais, a permis la coexistence

* Prof. Auxiliar do Instituto Superior de Ciências de Educação, Departamento de Ensino e Investigação de Letras Modernas e Ciências Sociais, Doutorando na Universidade Católica de Moçambique. E-mail: eduardondombele422@gmail.com

** Doutora em Ciências da Educação, Instituto Politécnico de Bragança (Portugal), VALORIZA, Centro de Investigação (IPP), E-mail: evangelina@ipb.pt

harmonieuse de trois langues, cependant cette situation a engendré l' hiérarchie entre les langues où certaines sont plus prestigieuses dans la communauté.

Mots-clés: Sociolinguistique; Maquela de Zombo; Enseignement du portugais; Triglossie.

simo solimi lwenhlalo yabantu sase-Maquela do Zombo (Angola): Imibono nezinsalelo Zokufundisa kwesiPutukezi esimweni se-Triglossic

I-athikili (isizulu): yamanje ikhuluma ngesimo se-sociolinguistic kuMasipala wase-Maquela do Zombo osenyakatho yeSifundazwe sase-Uíge e-Angola, ucwaningo luveza ubunzima abafundi balesi geography ababa khona ekufundweni kolimi lwesiPutukezi, kusukela izingane. kusuka kulesi sifunda ngena esikoleni ngemikhuba ye-Kikongo discursive. Ukukhathazeka kwethu kulesi sihloko kugxile kakhulu eqinisweni lokuthi isiPutukezi siyithuluzi lolimi elisetshenziswa ekuzuzweni kolwazi, ulimi lapho izifundo eziningi nezindlela zokufundisa zihlanganiswa khona. Nokho, siyaqaphela ukuthi ubuciko nokuqonda kwalolu limi esikoleni kusewumzabalazo oqhubekayo kanye nempi okufanele inqotshwe abafundi abaningi. Ucwano lula ngale nkolelo-mbono elandelayo: Kunomehluko omkhulu enanini le-utilitarian yesiPutukezi, isiKikongo nesiLingala eMaquela do Zombo kwatholakala ukuthi ukwenzeka kokuthintana kwezilimi eMaquela do Zombo, okuyiKikongo, Lingala nesiPutukezi, kuholwa. ekusebenzisaneni okuvumelanayo, nokho, kulandela ukulandelana phakathi kwezilimi lapho ezinye zihlonishwa kakhulu emphakathini.

Amagama angukhiye: i-sociolinguistics; Maquela kaZombo; Ukufundisa isiPutukezi. I-Triglossic.

Introdução

A situação sociolinguística do Município de Maquela do Zombo e o seu impacto no Ensino da Língua Portuguesa, é a temática abordada no presente estudo. Angola é um país plurilíngue resultante da diversidade linguística e sociocultural das línguas angolanas de origem africana. Porém a política linguística do estado angolano privilegia o ensino monolíngue, atribuindo maior protagonismo para a língua portuguesa em todos os sub-sistemas de ensino. Face a essa linha política os alunos que têm as línguas angolanas de origem africana como práticas comunicativas sentem muitas dificuldades na compreensão de língua portuguesa.

Assim, no âmbito da nossa pesquisa de doutoramento na Universidade Católica de Moçambique, na Faculdade de Educação e Comunicação de Nampula, equacionou-se estudar com maior profundidade, a questão de ensino do Português língua não materna. No cenário linguístico na zona fronteiriça de Maquela do Zombo norte de Angola, pare ser propício para a implementação do ensino bilíngue, fundamentalmente no ensino primário em que a língua kikongo é usada como meio de comunicação e de socialização.

Nesta visão, a língua kikongo e as variantes presentes neste município e, sobretudo, o lingala, uma língua africana falada com maior realce nas repúblicas de Congo Democrático, Congo Brazzaville, acabam por influenciar, de certa forma, nas manifestações linguístico-discursivas de vários municípios, particularmente, os alunos durante a sua participação no processo de escolarização. Com estas influências em

contextos em que o ensino do português é refém as práticas linguísticas pedagógicas à luz da gramática normativa, as dificuldades apresentadas, pelos alunos, torna-se um fator considerável que tem de preocupar a todos os intervenientes do processo de ensino.

Como se depreende pelo que foi dito, o objetivo desse artigo é descrever a situação sociolinguística dos alunos do Município de Maquela do Zombo em decorrência das dificuldades ligadas ao ensino/aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que as crianças desse município apresentam um perfil sociolinguístico baseado nas línguas africanas. Importa, em nosso entender, repensar e estabelecer o compromisso com a inclusão e a democratização do ensino na nação angolana e, em especial, no que tange à implementação de um sistema de ensino bilíngue, tendo em conta a realidade sociolinguística do país. Essa estratégia de ensino poderia garantir o direito da criança de aprender na sua língua, bem como de preservar e valorizar cada vez mais a sua língua e a própria diversidade linguística do país, rompendo com certo pragmatismo da hegemonia do português (BERNARDO, 2018).

Admite-se que a indefinição do estatuto das línguas em Angola tem vindo a contribuir para insucesso escolar fundamentalmente nas zonas fronteiriças, pois que a insensibilidade e exclusão do multilinguismo dentro do espaço territorial anula a identidade sociocultural dos alunos violando assim o preceituado na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que sustenta a possibilidade do uso da língua de cada comunidade no seu espaço territorial. De acordo com Naege e Timbane (2022, p.46),

o panorama linguístico de Angola é complexo e o multilinguismo é mais comum do que o monolinguismo. O multilinguismo nunca foi problema para os povos africanos porque isso é da sua própria natureza. Existe no seio dessa sociedade um planejamento linguístico forte para promover e incentivar a aprendizagem.

O uso de uma língua de acordo com o QECER (2001) abrange a aprendizagem desta mesma língua incluindo para o efeito as ações realizadas pelas pessoas que, como indivíduos e como atores sociais, desenvolvem um conjunto de competências gerais e, particularmente, competências comunicativas e linguísticas. As pessoas utilizam as competências à sua disposição em vários contextos, em diferentes condições, sujeitas a diversas limitações, com o fim de realizarem atividades linguísticas que implicam processos que permitem produzir e/ou receberem textos relacionados com temas pertencentes a domínios específicos. Para tal, ativam as estratégias que lhes parecem

mais apropriadas para o desempenho das tarefas a realizar. O controlo destas ações pelos interlocutores conduz ao reforço ou à modificação das suas competências.

Nesse sentido, importa encorajar os professores que lecionam na zona fronteiriça de Maquela do Zombo, e em outras zonas de Angola, onde o português é ensinado na perspectiva de língua não materna no sentido de observarem as diretrizes do Quadro Comum Europeu de Referência para línguas, publicado em 2001, que recomenda: a promoção do plurilinguismo e a diversificação na escolha das línguas no currículo; o desenvolvimento e a demonstração do perfil plurilíngue de alunos individuais; o desenvolvimento e a revisão do conteúdo dos currículos em línguas locais; a definição de descritores positivos adaptados à idade, aos interesses e às necessidades dos alunos; a concepção e o desenvolvimento de livros didáticos e material didático; o apoio à formação de professores e a cooperação entre professores de diferentes idiomas; a melhoria da qualidade e o sucesso na aprendizagem, ensino e avaliação (CONSELHO DA EUROPA, 2017).

Nesta lógica, há necessidade de repensar estas situações e pretende-se que os estudos sociolinguísticos, nestas regiões, possam auxiliar os fazedores da educação a compreender a situação triglossica existente. Por outro lado, acredita-se que o surgimento e o desenvolvimento da situação de triglossia envolvendo o português, kikongo e lingala emergiu de factores socioeconómicos, políticos e de ordem migratória dos povos. Todavia, desde o momento da independência Nacional de Angola, que o país enfrenta problemas relacionados com a indefinição de políticas linguísticas no processo de ensino e aprendizagem que devem ser refletidos e compreendidos na sua complexidade.

Assim, na primeira seção do artigo, traçamos de uma forma breve o historial de Maquela do Zombo, situada na Província do Uíge, situada no norte de Angola. Na segunda secção, abordamos a interculturalidade no processo de ensino da língua portuguesa e na seção seguinte é problematizado o conceito de diglossia. A terceira secção relata as competências essenciais no processo de ensino-aprendizagem do português. A quarta seção procura esclarecer sobre o papel da língua portuguesa no desenvolvimento da escrita, leitura e oralidade, bem como é referida a caracterização dos níveis de proficiência de línguas do quadro europeu, no que toca ao Português Língua Não Materna. Termina-se com as considerações finais e as respectivas referências.

1. Breve historial de Maquela do Zombo

O Município de Maquela do Zombo, é um dos Municípios que compõe a província do Uíge, situado ao Norte da província e faz fronteira ao Norte e Noroeste com a República Democrática do Congo, ao Oeste com o município do Kuimba, Província do Zaire, a Este com a confluência do rio Kwilu e o município do Kimbele, ao sul e Sudoeste com os municípios da Damba e Buengas respectivamente.

O Município de Maquela do Zombo, ocupa uma área com beleza natural muito atraente e a sua fronteira com o atual RDC permite que seja uma boa referência especial, quer no ponto de vista agropecuária econômica e turística. A sua denominação foi atribuída a uma circunscrição urbana inicialmente conhecida por posto militar de *Mbongi*, criado pelos colonos portugueses, em 13 de Janeiro de 1896, na margem direita do Rio Luidi através da portaria nº 832. Em 03 de Agosto de 1911 foi elevada à categoria de Vila com a denominação de Maquela do Zombo (*Makela Mazombo*).

Figura 1: Mapa do Norte de Angola



Fonte: <http://bcav3845.blogspot.com/>

Em Maquela do Zombo a língua kikongo e lingala têm um impacto enorme no processo de comunicação entre os habitantes desta localidade fronteiriça. O lingala não é uma língua de origem angolana, pertence à família bantu e é falada, principalmente, na República Democrática do Congo, na República de Congo Brazaville, República Centro Africana e uma parte do Gabão, Camarões e quase toda África central e, ainda, numa

parte da África Austral, sendo comum ouvir-se indivíduos que se expressam em lingala do corredor dos Camarões até à África do sul.

A música congoleza foi e continua a ser um dos veículos de propagação de lingala através de seus ritmos e batidas. A título ilustrativo refere-se que o rei da rumba Franco Luambo Makiadi durante perto de 4 décadas promoveu a indústria da música congoleza com mais de 100 álbuns e as suas músicas atraíram jovens e idosos. Cita-se, igualmente, o Papa Wemba, uma figura proeminente no *world music*, e o Tabu Ley Rochereau, um prolífico compositor e vocalista a nível do continente. Hoje a música gospel tornou-se um outro veículo de expansão de lingala através das adorações e louvores dos conceituados músicos como por exemplo: Moise Mbiye, um compositor gospel congolês, Marie Misamu, Franck Mulaja, L'or Mbongo, Alain Moloto, Mike Kalambay, etc.

Desde os tempos coloniais, o lingala sempre serviu como uma linguagem de comunicação no exército, administração, comércio, imprensa e média, mais particularmente em Kinshasa. Lingala tem uma influência notável nas esferas políticas, tratando-se de uma língua de contacto entre a classe dominante e as massas populares. A título de exemplo, o ex-presidente Mobutu para garantir a compreensão da sua mensagem pela maioria da população, dirigia-se à população em lingala. A música congoleza e a sua melodia impactante serviu durante, muitas décadas, como o melhor instrumento de divulgação do lingala entre os jovens africanos e, em particular, dos países vizinhos da RDC.

Em Maquela, independentemente da dimensão geográfica, e da densidade demográfica, a sua situação linguística e cultural decorre de fatores históricos e sociais. Na província do Uíge, coexistem várias línguas étnicas, além do lingala e que hoje começam a ter um impacto considerável na zona norte de Angola e em Luanda (a capital do país), sendo que essa diversidade faz de Maquela do Zombo uma sociedade plurilingue e pluricultural.

Convém esclarecer que o lingala, em Angola, não faz parte do conjunto das nossas línguas nacionais. Porém, com o fim do colonialismo e a conquista da independência em Angola muitos angolanos que se haviam refugiado no Ex-Zaire (atual República Democrática do Congo) regressaram em 1975 e pelo tempo de permanência nos dois Congos (Congo Brazaville e Congo Democrático) absorveram a cultura e a língua nacional desses dois países, daí a proliferação do lingala na parte norte de Angola. Assim, é perceptível o uso dessa língua nas conversas informais como nas praças, campo de futebol e em vários outros lugares públicos.

2.A Interculturalidade no processo de ensino da língua portuguesa em Angola

O diálogo entre duas culturas, no caso de português e kikongo, no município de Maquela do Zombo em particular e, em geral, em Angola abre espaço para uma terceira cultura onde o professor exerce a sua docência, ou seja, um novo espaço de interculturalidade que envolve o aluno que não sabe falar o português e o professor que não entende por vezes a língua do aluno. Como é sabido, Angola sendo um país com uma grande diversidade linguística, em que as línguas locais (ditas nacionais) são as consideradas endógenas e as línguas exógenas como é o caso de português, lingala, francês, inglês encontram-se num mesmo espaço de circulação e de coabitação embora, por vezes, algumas tentem sobrepor-se umas às outras, tal como é o caso de português. Ora, tal fato provoca diglossia, no contexto escolar. Quanto ao lingala é notório a sua utilização em contexto de comunicação (informal) e em cada 10 habitantes 6 comunicam em Lingala, sobretudo nos locais de maior concentração populacional.

Reconhece-se que esta interculturalidade configura um aspecto importante na construção da cidadania e da identidade coletiva, sendo que também a mobilidade geográfica e o estabelecimento de contactos são elementos fundamentais na criação desse espaço mais plural. Por esta razão, as instituições de ensino devem elaborar programas, métodos e técnicas de ensino com objetivo de criar uma zona de conhecimento e compreensão mútua e que visem a transformação das relações interpessoais, criando espaço para a compreensão entre povos. Contudo, sabe-se da importância do professor e da educação formal neste processo. Porém, nem sempre este profissional se encontra devidamente preparado para atuar nessa realidade de constante mudança, ainda que frequentemente não esteja ciente do seu novo papel o de mediador das aprendizagens (JANOWSKA, 2020)

Na visão do autor, anteriormente, citado um ensino de língua voltada para a perspectiva de interculturalidade reveste-se de importância crucial, pois fundamenta-se na cultura nativa e na língua materna do aluno, promovendo uma educação que respeita os valores da cultura local. Assim, o aluno poderá desenvolver assim outra forma de ver o mundo partindo, obviamente, da sua herança cultural que transporta uma enciclopédia de símbolos e de valores. A este propósito, Mingas, (2007) sustenta a ideia segundo a qual o ensino de qualquer língua para ser real e efetivo tem que ser contextualizado. Nessa visão, os professores nas suas práticas didáticas deveriam ter em consideração a situação sociolinguística da sua área de jurisdição, bem como a cultura (hábitos, usos e

costumes, a língua e, também, relacionar de uma maneira natural aquilo que os alunos já sabem).

Significa, por isso, que o professor deve partir da realidade linguística e cultural dos alunos, valorizando a língua falada pelo aluno e não exclusivamente a língua do currículo. Importa que em situações em que o português é língua materna desenvolva, num primeiro momento, a oralidade e só depois passar para a forma escrita. Admite-se que a oralidade é uma base consistente quer para o processo de ensino/ aprendizagem, quer para o desenvolvimento da escrita.

3. Conceito de diglossia e competências essenciais no processo de ensino-aprendizagem do português

Sabe-se que o conceito de diglossia surgiu do vocábulo grego διγλωσσία, em que *di* - significa "duas vezes" e *glossa*, "língua" e procura designar a situação linguística em que, numa sociedade, se utilizam duas línguas ou dois registros linguísticos diferentes, de modo coexistente. Essa mesma palavra ganhou notoriedade, no ano de 1959, através do conceituado Linguista Charles Ferguson. As publicações de Ferguson promoveram o uso e a compreensão da palavra no campo da sociolinguística. Para explicar essa situação recorreremos a explicação de Linhares e Alencar (2016) em que os autores esclarecem o pensamento de Ferguson, na base da realidade sociolinguísticos da Grécia e dos países árabes, aos quais acrescenta os casos das comunidades falantes do vernáculo alemão na Suíça e do crioulo de matriz francesa no Haiti.

Em todos esses lugares diferentes, empregava-se um código linguístico em âmbitos formais ao qual se pode chamar "variedade alta" ou "A" (o grego padrão, o árabe padrão, o alemão padrão e o francês padrão) e outros códigos linguísticos em âmbitos informais a cujo conjunto se pode chamar "variedade baixa" ou "B" (o grego vernáculo, o árabe vernáculo, o alemão vernáculo e o crioulo). Na perspectiva de Ferguson a diglossia cingia-se ao uso coordenado de dois códigos por uma mesma comunidade quando esses dois códigos são variedades da mesma língua.

Os alunos que frequentam o ensino primário são lhes exigidos certas competências para que possam prosseguir nos níveis subseqüentes. Tendo em consideração que a língua portuguesa é a língua de escolaridade e de unidade nacional, garante do sucesso escolar, quando bem aprendida, e do insucesso escolar quando mal aprendida. Em muitos casos, o perfil desejado para estes alunos está aquém do ambicionado. No programa de português, por exemplo do I Ciclo, faz referência:

A Língua Portuguesa é a língua oficial em Angola, de escolaridade e de comunicação nacional e internacional. É a língua veicular através da qual se emitem e recebem mensagens, sendo a base para a aquisição de conhecimentos técnico-científicos, valores éticos, cívicos e culturais. Ela desempenha também a função de veículo para a transmissão e aquisição de conhecimentos implícitos e explícitos, instrumento de integração, meio de apoio e articulação de todas as disciplinas (INIDE/MED, 2019, p. 6).

A superioridade atribuída a esta língua, para certos professores, bem como as metodologias inerentes à sua aprendizagem parece longe de serem concretizadas. Por outro lado, o trabalho com a língua é, sobretudo, realizado através de textos que servem como instrumento de transmissão, tanto para a produção como para a construção de enunciados orais, passando pelo desenvolvimento da oralidade, através da implementação de diferentes atividades, pela leitura e compreensão/interpretação de textos, que serve para o aprimoramento da fluência e da descodificação textual e, ainda, pela produção escrita por meio de redações, sínteses e resumos. Esta intenção é reforçada pelo mesmo programa, que afirma:

O domínio da língua faz-se através de textos. Daí que, no desenvolvimento dos conteúdos nucleares referidos, se tomem como temas dominantes para o ensino e aprendizagem dos diferentes domínios (ouvir/falar, ler/escrever), o sucessivo atendimento às diferentes tipologias textuais, de uma forma progressiva e integrada. Procurou-se também que o estudo evolutivo do funcionamento da língua se desenvolve se integralmente em equação com as características dos textos que lhe servem de suporte e de núcleo dinâmico (INIDE/MED, 2019, p. 7).

4. Papel da língua portuguesa no desenvolvimento da escrita, leitura e oralidade

Atualmente, verifica-se que os alunos manifestam algumas fragilidades quando terminam o ensino primário para o primeiro ciclo “7ª classe”, tendo em conta a maneira como apresentam as ideias ao público. Refere-se este fato analisando o modo como apresentam os trabalhos escolares na sala de aula, como se comportam quando realizam as entrevistas simuladas, como prestam depoimentos, ou quando realizam as provas orais e quando produzem pequenos textos (elaboração de bilhetes, cartas, cartazes, formulação de textos nas redes sociais etc.). As dificuldades partem do nível primário e transcendem para os níveis mais avançados. Por isso, a aprendizagem da leitura e da escrita encontra-se condicionada por diversos fatores, que poderão contribuir para um bom (ou menos bom) desenvolvimento destes processos de conhecimento(s). Nesse sentido, Amor (2002, p.38) sustenta que:

A aprendizagem da leitura e da escrita não constitui apenas uma especialidade cultural, mas tornou-se uma necessidade crucial de cada

indivíduo, pois as capacidades operativas e reflexivas de leitura e de escrita constituem um objectivo do “ensino da língua” também, transversal ao currículo dos alunos, às diferentes disciplinas, a toda a escola.

Face ao que foi dito, o professor deverá criar formas e oportunidades para que o aluno tenha mais contacto com o alfabeto, com as palavras, com os textos, a partir da escrita e da leitura, contribuindo para que compreenda melhor a pronúncia e a escrita de determinados vocábulos que lhe causam dificuldades e, se necessário, com recurso à utilização de um dicionário. Como é sabido a aprendizagem da leitura e da escrita constituem um objetivo do “ensino da língua” também, transversal ao currículo dos alunos, às diferentes disciplinas e a educação.

Efetivamente, considera-se que a escola é um lugar privilegiado para ensinar a modalidade da leitura e da escrita, tratando-se de um processo sistemático e rigoroso com a finalidade de aprimorar competências linguísticas e outras. Sendo assim, torna-se necessário que na sala de aula se promova a interação comunicativa nas mais diversas situações, destacando, sobretudo falar em voz alta, fazer perguntas, argumentar sobre um ponto de vista, buscar informações, expressar sentimentos, ouvir o ponto de vista dos colegas e discordar e resolver exercícios orais ou escritos. Neste sentido, o professor tem a função de levar o educando a compreender e saber que estas representações precisam ser devidamente apresentadas com um certo grau de formalidade. Na opinião de Neto (2012, p.86).

Para que um falante tenha sucesso e eficácia nos seus actos de comunicação, não basta que esteja atento apenas na gramática, isto é, a correcção do sistema formal da língua. Para tal, terá de ser capaz de processar simultaneamente muitas outras informações, muitas delas de natureza não linguística, e que provem ou da situação de comunicação em si mesma, ou de convecções e regras de carácter social.

Nesta linha de trabalho, entende-se que será mais eficiente o aperfeiçoamento da oralidade, escrita e leitura. Para estimular o desenvolvimento destas competências, o professor, pode utilizar exercícios agradáveis, tais como:

a) Breves produções orais: neste tipo de exercício os alunos devem manter uma comunicação ativa durante alguns segundos, falando rapidamente sobre um assunto, isto é, num ambiente cômico de alívio. Por outro lado, deve levar o aluno a partilhar com a turma o seu apelido, nome completo, onde vive, quais são os membros da sua família, entre outros aspectos. Por dia o docente pode trabalhar com 5 a 15 alunos dependendo da carga horária e do número de alunos.

b) Trabalho com poesia: O docente poderá dar a cada aluno um poema que deverá ser apresentado perante a turma, sendo que a poesia seduz os alunos e desenvolve uma capacidade participativa as aulas. No entanto, se a poesia não for memorizada então o aluno deverá ler, para eliminar aos poucos a timidez.

c) Simulações de contactos telefónicos: dentro da sala de aula os alunos podem fazer simulações de diferentes situações tais como: informar sobre um assunto, falar com o pai, mãe, colegas e outros familiares, pedir informações, etc.

d) Contar histórias: os alunos devem ser habituados a contar pequenos contos ou anedotas, permitindo uma abertura ao diálogo. Trata-se de uma estratégia que promove a atenção positiva, a concentração interior e o envolvimento ativo. Contar uma história é um excelente veículo para motivar nos alunos a imaginação e a criatividade.

e) Atividade de entrevistas: O professor convida os alunos a elaborarem uma série de questões sobre a sua pessoa. Sugere-se que divida a turma em 4 grupos e cada um formule três perguntas. A seguir são selecionados os repórteres a quem cabe entrevistar o professor de acordo com as questões planificadas sobre assuntos diversas. Depois deste exercício poderão entrevistar os colegas de outras turmas e até outros professores.

f) Exercício de canção: propor atividades orais a partir do canto de diversas canções o que promoverá o enriquecimento da produção oral de cada aluno. Se porventura as mesmas já forem do conhecimento do aluno o resultado poderá ser ainda mais positivo. Esta atividade deve ser produzida no início ou no fim de cada aula. Assim, acredita-se que quanto mais o aluno praticar estes exercícios maior será a probabilidade de corrigir vocábulos que mal expunha graficamente e, também, passará a pronunciarlos corretamente.

5. Caracterização dos níveis de proficiência de línguas do quadro europeu em contexto de ensino do português língua não materna

Uma das dificuldades que os professores de língua portuguesa das zonas fronteiriças em Angola sentem face ao ensino de português língua não materna consiste na exclusão de referências internacionais que presidem às metodologias de ensino de línguas. Existem dois instrumentos internacionalmente conhecidos, ou seja, o Quadro Europeu de Referência para as Línguas (QECR) e o Referencial Camões de Português Língua Estrangeira. O QECR é um instrumento de carácter internacional visando a descrição de proficiência de uma língua e trata-se de um documento do Conselho da

Europa (2001), que apresenta, para o ensino de línguas, descritores de seis níveis comuns de referência designadamente: A1, A2 B1, B2 C1 e C2 para três tipos de utilizador da língua. Assim, o Utilizador Elementar: A1 (Iniciação) e A2 (Elementar); Utilizador Independente (B1 e B2); Utilizador Proficiente (C1 e C2).

Os inventários apresentados no Referencial Camões PLE propõem o tratamento sequencial de conteúdos ao longo dos seis níveis de referência do QECR, com diferentes realizações linguísticas, de modo a respeitar os critérios de progressão necessários ao desenvolvimento da competência comunicativa. Pretende-se, desta forma, evidenciar aquilo que se espera que o sujeito em aprendizagem consiga fazer nos diferentes níveis de proficiência, no que diz respeito ao uso da língua para a realização de diferentes atividades linguísticas, em contextos e situações de comunicação diversificados. (Referencial Camões PLE, 2017).

No quadro comum de referência para línguas o Nível A propicia ao falante e aprendente da língua a capacidade de compreender aspectos ligados em contextos de família, trabalho, escola, viagem ou numa determinada região onde a mesma língua é falada. No nível A1 o aprendente (aluno) pode também expressar desejos e justificar de uma forma lacónica uma situação, enquanto que o aprendente que avança para o nível A2 pode, de certa forma, comunicar situações correntes, pode descrever o seu meio ambiente e refere-se a assuntos que venham a corresponder às suas necessidades imediatas.

No que toca ao Utilizador Independente B1 é um espaço caracterizado por dois níveis. Nível Limiar O B1 considerado o nível intermédio e é caracterizado por um utilizador que apresenta capacidade que um aprendente de uma língua estrangeira (ou segunda) e manifesta-se na forma como usa essa mesma língua para manter a interação com outros falantes em contextos variados, nos domínios privado, público, educativo e profissional. Neste nível, o utilizador manifesta competências discursivas e pragmáticas para lidar de forma eficiente, com alguma autonomia, com situações comuns do quotidiano (Conselho da Europa, 2001).

Segue-se depois o utilizador B2 o chamado Nível Vantagem. Nesse nível o utilizador será capaz de fazer uma utilização independente da língua e distingue-se por introduzir descritores que apontam sobretudo para três vertentes: Eficácia da argumentação: O aluno (aprendente) é capaz de argumentar com propriedade e eficácia; além dessa competência também consegue demonstrar a sua eficácia do discurso social

o aprendente é capaz de manter uma conversação fluente e autônoma; conscientização linguística e autocorreção de erros linguísticos.

No que toca ao Nível de alcance de proficiência existem dois níveis que permitem ao aprendente alcançar o conhecimento de uma certa língua. O nível C1 e C2. O nível C1 é o quinto dos seis níveis descritos pelo Quadro Europeu Comum de Referência para as línguas. Neste nível o aluno utiliza a língua de forma flexível, compreende textos longos e complicados, enquanto que o nível C2 é o sexto e último nível dos seis níveis descritos para as línguas e indica o domínio da língua por parte do falante. Neste nível o aluno compreende tudo o que lê ou escuta e expressa-se de maneira espontânea e fluente.

Considerações finais

Esta pesquisa permitiu leituras que levaram a perceber a importância atribuída à língua portuguesa durante a vigência do colonialismo português sendo que era objeto e símbolo da força e domínio do império, chamada a cooperar com o sistema político e os interesses que a situação impunha. Nesse sentido Undolo, (2016) ao referir-se à política linguística colonial, asseverou o seguinte:

A política portuguesa de ensino teve como objectivo a imposição da Língua Portuguesa em detrimento das línguas autótones. O ensino era feito em língua portuguesa, sendo a língua colonial o único veículo linguístico de acordo no ensino; facto altamente propiciador da assimilação cultural (p.153).

Embora se tenha vivido esta dura realidade, “a situação linguística de Angola, tal como a da maioria dos países africanos, caracteriza-se por uma grande heterogeneidade. Além do mais a pesquisa, permitiu concluir que as línguas nacionais não morreram e, pelo contrário, a maioria da população rural fala mal ou desconhece mesmo este código linguístico”, o português (MIGUEL, 2014, p.13). Fernando e Timbane (2022), a língua natural é uma soma de variedades e variantes. Isso significa as variedades precisam de ser respeitadas por todos sem discriminação do falantes.

Relativamente ao Município de Maquela do Zombo, na condição de um município multilíngue, torna-se cada vez mais necessário a implementação de uma educação bilíngue, considerando que no contexto sociolinguístico referido uma criança residente em Maquela, pode confrontar-se com a realidade de uma situação que a obriga a conviver com várias línguas (língua da família, a da rua e a da escola. Face a isto, torna-se imperioso que as escolas tracem estratégias pedagógicas adequadas que dinamizem ou

compreendam a situação da diversidade linguística dos alunos, orientando-os a partir dessa necessidade.

Importa referir que o estudo confirmou a existência de uma diferença significativa no valor utilitário do português, kikongo e lingala no Município de Maquela do Zombo. São três línguas com papéis variados e sobrepostos que interagem, criando uma situação de triglossia: i) em primeiro lugar a língua oficial (o português) usado em contexto oficial, na administração e ensino; ii) em segundo lugar a língua kikongo ou língua materna de cada grupo etnocultural; iii) em terceiro lugar o lingala que predomina em contexto informal e é usado com maior predominância nos lugares de maiores concentração populacional. Todavia, concluiu-se que o fenómeno de contacto linguístico em Maquela do Zombo, entre o kikongo, o lingala e o português coexistem em convivência harmoniosa e existe uma hierarquização entre as línguas em que algumas são mais prestigiadas que outras na comunidade. Diante dessa valorização estas línguas sofrem diferentes processos tais como diglossia, monolingüismo, bilingüismo, triglossia ou até glototanasia.

Face aos argumentos explicitados, a nossa proposta encaminha-se para a defesa de uma educação bilíngue no Município de Maquela do Zombo, o que poderia propiciar a possibilidade de uma Educação Intercultural, através da Educação Bilíngue, reconhecendo a importância da pluralidade linguística e da proteção do direito da criança em aceder ao ensino primário numa língua que conhece e domina. Por conseguinte, a inserção de língua portuguesa durante o percurso do ensino primário deverá ser feita de forma gradativa, tendo como objetivo a proficiência em português no Município de Maquela do Zombo.

Referências

- AMOR, Emília (2002). *Didáctica do português: fundamentos e metodologia*. 6.ed. Lisboa: Texto Editores.
- BERNARDO Ezequiel (2018). *Política linguística para o ensino bilíngue em Angola* (Dissertação de Mestrado). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- CAMÕES, Instituto da Cooperação e da Língua I.P. (2017). Referencial Camões PLE – Lisboa. Disponível em <http://www.instituto-camoes.pt/> (Acesso em 24 de agosto de 2022).
- CONSELHO DA EUROPA (2001). *Quadro comum europeu de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação* (edição portuguesa). Porto: Edições Asa. Disponível em http://area.dge.mec.pt/gramatica/Quadro_Europeu_total.pdf (Acesso em 10 de Agosto de 2022).

FERNANDO, Mbiavanga; TIMBANE, Alexandre António. A emergência da normatização das variedades do português de Angola e de Moçambique: avanços e desafios. in: CAMARA, Crisófia Langa da.; TIMBANE, Alexandre António (Org.). *Estudos linguísticos e literários sobre Moçambique*. Itapiranga: Schreiben, 2022. p. 149-174.

LINHARES, Miguel; ALENCAR, Claudina (2016). Repensando o conceito de diglossia à luz de Michel de Certeau. *Revista de Estudos da Linguagem*, vol. 24, nº 2, p. 492-518.

NAUEGE, João Muteteca. TIMBANE, Alexandre António. Um olhar crítico sobre política e planificação linguísticas em Angola e em Moçambique. In: SANTOS, Deivid Alex dos, SPUZA, Adelene de. COSTA, Herika Cristina Oliveira da. (Org.). *Educação em perspectiva: reflexões entre a teoria e a prática*. Itapiranga: Schreiben, 2022. p.42-59.

NETO, Muamba Garcia (2012). *Aproximação linguística e experiência comunicacional*. Luanda: Editora Mayamba.

MIGUEL, Maria Helena (2014). *Dinâmica da pronominalização no português de Luanda*. Luanda: Mayamba Editora.

Instituto de Investigação e Desenvolvimento da Educação, INIDE (2019). Ministério de Educação, Luanda: Med.

UNDOLO, Márcio (2016). *A norma do português em Angola: subsídios para o seu estudo*. Caxito: Esp-Bengo.



Recebido em: 03/08/2022

Aceito em: 21/09/2022

Para citar este texto (ABNT): NDOMBELE, Eduardo David; BONIFÁCIO, Evangelina. A situação sociolinguística de Maquela do Zombo (Angola): perspectivas e desafios para o ensino de português em contexto triglossico. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.255-269, 2022.

Para citar este texto (APA): Ndombele, Eduardo David; Bonifácio, Evangelina.(2022). A situação sociolinguística de Maquela do Zombo (Angola): perspectivas e desafios para o Ensino de Português em contexto Triglossico. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 255-269.